



A lentidão no lugar da velocidade

Cássio Eduardo Viana Hissa*

NOTA 01

A modernidade é tempo e espaço, mas divididos: entre territórios, entre tempos, vai-se fazendo o mundo bipartido. Nos subterrâneos da economia urbana, há lentidão e opacidade. Na economia moderna da cidade, vê-se a pressa e a luz.

Entretanto, é a velocidade e a luminosidade que produzem cegueiras.

No ano de 1959, a Universidade da Bahia publica o livro *O centro da cidade de Salvador*, de autoria de Milton Santos¹. Trata-se de sua tese de doutorado defendida no ano anterior em Strasbourg, França. Entretanto, outros textos de Milton Santos, referentes às temáticas urbanas, foram publicados em anos anteriores. Em 1954, por exemplo, tem-se notícia da publicação de *O papel metropolitano da cidade do Salvador*. Este é um pequeno texto que ainda foi acolhido pela Revista Brasileira dos Municípios, em 1956.² Os textos da juventude de Milton Santos da metade do século XX incorporavam um *modo de dizer a cidade e o urbano* que muito se aproximava dos exercícios empíricos — tal como passaram a ser nomeados — produzidos sob a referência da denominada *Escola Francesa de Geografia*. Ainda não se apresentava, ali, o teórico e pensador das espacialidades. Entretanto, existem sinais que merecem o foco. Em *O papel metropolitano da cidade de Salvador*, Milton Santos se refere à cidade baiana como a “*metrópole displicente*”³.

* professor PPG Geografia UFMG

¹ SANTOS, 1959.

² SANTOS, 1956.

³ SANTOS, 1956, p. 190.

O adjetivo é encaminhado aos governantes e à cidade: a metrópole que não se responsabiliza pelo seu entorno rural e regional. Adjetivo e metáfora: a *displícência* seria um *modo de dizer a Bahia* que, por sua vez, será sempre um modo de dizer Salvador. O traço instigante do teórico está nesse anúncio de palavra.

NOTA 02

Em tudo o que fizeres, apressa-te, lentamente: é o que teria dito Octavio Augusto, imperador, no centro do território de velocidades pretéritas. A pressa e a lentidão em único gesto. Displícência dissimulada: desleixo e apatia aparentes; certo tédio, desmazelo, indiferença. Apressate, lentamente: estratégia de velocidade ou desejo de transformação do mundo?

Pode-se dizer que, nos anos de 1970, Milton Santos iniciou mais aprofundadamente as suas reflexões acerca das relações, no urbano, entre pobreza e riqueza, opacidade e luminosidade, lentidão e velocidade. Entretanto, essas terminologias foram utilizadas mais adiante e referenciadas pelo mundo em transformação. No início dos anos de 1990, provavelmente, Milton Santos reuniu motivações empíricas que permitiriam não apenas o desenho de novas palavras, mas, sobretudo, *um modo novo de dizer o mundo*. Em 1996, o cientista social, em *A natureza do espaço*, articulou ideias a partir do que já vinha estruturando desde a década de 1970. Parece ser uma evidência, ainda, que os rumos tomados pela economia urbana e o processo de globalização motivaram *o modo de dizer o mundo*, tal como Milton Santos o interpretou a partir da segunda metade da década de 1990. Portanto, trata-se de um tema que, de modo análogo, está presente em diversos trechos de sua obra. Recordemo-nos, por exemplo, de *O espaço dividido*, publicado no final dos anos de 1970. Na referida obra, poderíamos pensar a opacidade

através do circuito inferior da economia urbana. Não está dito lá, mas, Milton Santos, naquele instante, lembrou-se do artesanato de Medelín e pensou o circuito inferior a partir de Lavoisier: nada se perde; tudo se transforma: “o jornal usado torna-se embalagem, o pedaço de madeira se transforma em cadeira, as latas, em reservatórios de água ou em vasos de flores [...]”⁴. Do mesmo modo, em *O espaço dividido*, poderíamos pensar a luminosidade através do circuito superior da economia urbana. Para a designação desse circuito, Milton Santos não vê inconveniência “[...] na utilização de ‘circuito moderno’, devido à natureza de seus elementos e ao fato de ser comandado pelas variáveis mais modernas do centro do sistema mundial.”⁵ O geógrafo ainda desenha uma relação entre os dois *territórios da economia*: “[...] o circuito inferior [...], perpetuador da pobreza, [...] [é] coletor da poupança popular, canalizada para o circuito superior por intermediários de todos os tipos.”⁶ O modo de pensar o espaço dividido a partir das economias urbanas — riqueza e pobreza — já vinha sendo trabalhado por Milton Santos no início dos anos de 1970. Assim, em 1975, o geógrafo publica, em francês e em inglês, um pequeno texto vertido para o português somente em 1979: *A periferia está no pólo*.⁷ O referido artigo não negaria a sua condição de um dos embriões da obra *O espaço dividido*.

NOTA 03

O espaço dividido é o mundo dividido. São os lugares e os sujeitos do mundo divididos. É a partilha sem compartilhamento. Criam-se ou mostram-se as diferenças e as desigualdades, sob a referência da racionalidade moderna e global. Mostram-se as lentidões e as sabedorias, à luz da

⁴ SANTOS, 1979, p. 156-157.

⁵ SANTOS, 1979, p. 67.

⁶ SANTOS, 1979, p. 288.

⁷ SANTOS, 1979 [1975].

velocidade e das luminosidades que produzem cegueiras. A cidade moderna é a pressa.

A cidade é o mais expressivo dos lugares, diz Milton Santos. Na modernidade, reproduzida pelas sociedades ocidentais, que se espraia e se aprofunda, que se alarga e a todos contamina, a cidade, lugar da pressa, traduz os desejos do mundo. No lugar da pressa há velocidade, mas, ainda, há lentidão. Entretanto, interessa à reflexão pensar a presença da lentidão nos interiores da pressa. O inverso, também, pode ser tradução do mesmo mundo: compreender-se-ia a pressa nos interiores de uma lentidão ameaçada. Há uma passagem, extraída de Milton Santos, que assume lugar central em capítulo do livro *A natureza do espaço*, intitulado “O lugar e o cotidiano”:

Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a “sua” civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por Virílio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade — e pode percorrê-la e esquadrihá-la — acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, freqüentemente prefabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem, exatamente, do convívio com essas imagens. Os homens “lentos”, para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações.⁸

NOTA 04

No interior da passagem sublinhada, Milton Santos insere duas pequenas notas de rodapé. Uma delas se refere a Paul Virílio, da qual extraio um registro que interessa: “a velocidade é a esperança do Ocidente”⁹. Dado o seu teor, extraio da segunda nota, também instigante, o que há de essencial: “Onde quer que o espírito europeu domine, vemos surgir o máximo de: necessidades, trabalho, capital, rendimento, ambição, poder, modificação da natureza exterior, relações e trocas.”¹⁰

A passagem estimula a reflexão acerca da inexistência de uma *epistemologia territorial* que, por sua vez, incorporaria os tempos imbricados em espaços. Poderíamos, aqui, fazer uma associação que, em princípio, pareceria bastante óbvia, ainda que Milton Santos não tenha trabalhado com ela, explicitamente, e, tampouco, explorado em profundidade as analogias e as metáforas criadas por ele. A *velocidade* e as *pressas* estão articuladas ao que Milton Santos chamou de *racionalidade global*. Por sua vez, a *lentidão* e os denominados *homens lentos* estão articulados à *ordem local*.¹¹ Entretanto, seria importante refletir sobre a presença insidiosa — e fortemente contaminadora — da *racionalidade global* na estruturação e movimentos da *ordem local*. Milton Santos preferiu dizer que na ordem local prevalece a comunicação em razão da “co-presença, vizinhança, intimidade, emoção e socialização com base na contigüidade.”¹² Na ordem global, por sua vez, prevalece a informação que circula. Há uma distinção nítida entre informação que circula e diálogo potencializado pela proximidade. Por sua vez, é na descoberta das fabulações que os homens lentos “escapam do totalitarismo da racionalidade,

⁸ SANTOS, 1996, p. 260-261.

⁹ VIRILIO, 1977, p. 54 citado por SANTOS, 1996, p. 260.

¹⁰ VALÉRY, 1922, p. 23, citado por SANTOS, 1996, p. 260.

¹¹ SANTOS, 2005 [1994].

¹² SANTOS, 2005 [1994], p. 170.

aventura vedada aos ricos e às classes médias.”¹³
Ele afirma: “são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro.”¹⁴

NOTA 05

Pode-se refletir acerca da interpretação plena de ousadia, de crítica e de criatividade: os pobres, na cidade, olham para o futuro. Entretanto, é possível e, talvez, necessário, acrescentar outras imagens interpretativas à contribuição de Milton Santos. Esse olhar para o futuro que, conforme Milton Santos, de alguma maneira, está vedado aos ricos e às classes médias, está também relativamente contaminado pelo desejo de pressa: desejo de acumular essa suposta virtude construída pela racionalidade global. Pensemos, pois, nessa interrogação: esse olhar de lentidão está contaminado pelo desejo de pressa, pelo desejo de incorporar virtude? Em outros termos, ainda poder-se-ia perguntar: na sociedade urbano-ocidental, na prevalência absoluta e perversa do capitalismo – desse modo compulsivo de ter que caminha na direção da substituição do ser dos sujeitos do mundo –, é possível escapar ileso desse totalitarismo da racionalidade?

Milton Santos nos diz que na cidade luminosa — a cidade moderna; a cidade que, através de territorialidades, é expressão da modernidade; por excelência, *modo territorial de dizer da modernidade* — há uma mecânica da exatidão que cria “um sistema de gestos sem surpresa”.¹⁵ Enquanto isso, “nas zonas urbanas opacas [onde vivem os pobres] [constituem-se] os espaços [...] da criatividade.”¹⁶ É pela sua condição de *diferentes*, como Milton Santos¹⁷ preferiu adjetivá-los, que “os pobres [...] [encontram] novos usos e finalidades para objetos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva”? É a pobreza que os torna *diferentes* aos olhos das classes médias e dos ricos? Eles são maioria absoluta. Ricos e classes médias, para os pobres, não são diferentes, estranha

e injustamente distintos? Qual o significado dessa diferença? A criatividade não tem uma relação com a sobrevivência e com o desejo de aproximação com as classes médias? É evidente que existem condições que movimentam a criatividade dos sujeitos no mundo. A sobrevivência é uma dessas condições. Entretanto, quando a sobrevivência se estabiliza como *modo de viver*, a criatividade poderá ser manifestação de hábitos e de rotinas de viver.

NOTA 06

Conjunturas e estruturas: o que estamos vendo no Brasil do início da segunda década do século XXI, nas grandes cidades: saturação de trânsito e de atropelos; ampliação vertiginosa do acesso às técnicas que, também, vertiginosamente, se sofisticam através de todas as mídias novas. Amplia-se o poder de compra, e, do ponto de vista da economia moderna capitalista, a situação pode ser vendida como desenvolvimento, ainda que seja bastante óbvio o avassalador e excludente crescimento econômico. Seria o momento de revisitar Paul Singer e os setores da economia por ele desenhados nos anos de 1970.¹⁸ Estamos diante de uma questão polêmica quando ampliada às ciências sociais e não confinada aos domínios das ciências econômicas. O padrão de fecundidade da população brasileira é outro e há fortes tendências, no curto prazo, de crescimento negativo da população. Não se experimentou a explosão demográfica, como muitos ainda insistem a dizer. Houve uma reestruturação dos setores da economia e as injustiças sociais estão fortemente visíveis. As cidades cresceram e os problemas sociais — que não são decorrentes desse crescimento, ainda que sejam ampliadas por ele — estão mais à mostra. Do ponto de vista das sociedades moderno-ocidentais, isso significa progresso. Na cidade, há

¹³ SANTOS, 1996, p. 261.

¹⁴ SANTOS, 1996, p. 261.

¹⁵ SANTOS, 1996, p. 261.

¹⁶ SANTOS, 1996, p. 261.

¹⁷ SANTOS, 1996, p. 261.

¹⁸ SINGER, 1976.

mais visibilidade das luminosidades. Talvez, em decorrência dessas transformações de caráter estrutural haja, também, mais visibilidade das opacidades. Nos territórios das cidades, os espaços opacos têm sido recobertos pelos espaços de luminosidade? Nas sociedades moderno-ocidentais periféricas e semiperiféricas, na plena hegemonia do capitalismo, pensaremos a presença das luminosidades sem a existência das opacidades? Como refletir acerca da existência das luminosidades e das opacidades a partir de paradigmas e de ideologias distintas? Ambas não fazem uma totalidade em permanente movimento?

O mundo do início da segunda década do século XXI já não é o mundo dos anos de 1970. Ainda há *cidades na cidade e mundos no mundo*; mas assim como o sertão de Guimarães Rosa, no âmbito da fisiografia, não é o mesmo território, não se poderia afirmar a inexistência do sertão. Ele é *mundo-mutante* e está em nós, e em toda parte.¹⁹ Ele é, também, a expressão da opacidade e da lentidão no mundo da velocidade. Não se poderia afirmar, talvez, o recuo da opacidade e da lentidão na cidade da pressa. Entretanto, poder-se-ia afirmar as metamorfoses assumidas pelos territórios opacos, a partir das formas que os dissimulam, sob a referência de paradigmas outros, próprios do mundo da racionalidade; mas que não os suprimem, em sua natureza, tal como os sertões não podem ser extirpados. E quanto aos paradigmas e as ideologias que mobilizam o vagar dos homens lentos? Qual é a ideologia dos homens lentos? Qual é a ideologia dos pobres? Existem determinadas interpretações de Roland Barthes que são provocadoras de uma variação muito rica de interpretações. Uma delas, especialmente, nos serve no presente momento:

Diz-se correntemente: “ideologia dominante”. Esta expressão é incongruente. Pois a ideologia é o quê? É precisamente a idéia enquanto ela domina: a

*ideologia só pode ser dominante. Tanto é justo falar de “ideologia da classe dominante” porque existe efetivamente uma classe dominada, quanto é inconseqüente falar de “ideologia dominante”, porque não há ideologia dominada: do lado dos “dominados” não há nada, nenhuma ideologia, senão precisamente — e é o último grau de alienação — a ideologia que eles são obrigados (para simbolizar, logo para viver) a tomar de empréstimo à classe que os domina. A luta social não pode reduzir-se à luta de duas ideologias rivais: é a subversão de toda ideologia que está em causa.*²⁰

As perguntas que se seguem são provocativas de reflexões que poderão aprofundar a interpretação do mundo sob leitura através dos conceitos construídos por Milton Santos. A ideologia dos pobres é a dos ricos? A ideologia dos lentos é a dos velozes ou apressados? Causaria estranheza a concepção de uma ideologia da pressa a subjugar uma ideologia da lentidão? De um lado, ideologias de virtude e, de outro, subservientes ideologias de desvirtude ou de defeito, fraqueza? Milton Santos encaminha um sinal para a questão referente à ideologia do consumo. Ele diz: “[o consumo] [...] também se entranha na vida dos pobres, suscitando neles expectativas e desejos que não podem contentar.”²¹ Que transformação poderia advir dos lentos de Milton Santos?

Os homens lentos de Milton Santos, talvez, sejam a inteligência do mundo nos lugares. Carregam desejos de transformação e, com isso, a possibilidade da reinvenção do mundo. “Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer — carência de todos os tipos de consumo [...]”²². Milton Santos nos fala, inclusive, de carências de consumo que não estariam diretamente

¹⁹ ROSA, 1976 [1956].

²⁰ BARTHES, 1996 [1973], p. 44-45.

²¹ SANTOS, 2000, p. 133.

²² SANTOS, 1996, p. 261.

vinculados ao mercado: “[...] carência do consumo político, carência de participação e de cidadania.”²³ Na sequência da construção de seu argumento — no interior de pequeno trecho — está implícita uma reflexão que pede o foco. Ele diz: “este futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar.”²⁴ Se é a abundância do outro que mobiliza o desejo de ter — de consumir; e há consumos de todos os tipos — estamos todos sob a referência do mesmo paradigma e, de modo algum, aprisionados pelo paradigma do mercado. Nos espaços-tempo nas sociedades capitalistas, qual estrutura não é permeada pelo mercado? A questão é posta e discutida, também, por Boaventura de Sousa Santos e, em diversas circunstâncias, a obra de ambos — Milton Santos e Boaventura de Sousa Santos²⁵ — estabelece fecundo diálogo e convergência. São pensadores que, mesmo com certa desesperança — própria do pensamento social crítico —, constroem, ambos, uma leitura rica de desejáveis — ou, no tempo do agora, plenamente necessárias — utopias. A questão, portanto: qual é o sentido da transformação do mundo, tal como sonhada pelos homens lentos — pelos pobres que habitam, produzem espaço e fazem as denominadas zonas opacas do mundo das cidades — caso não haja desejo de transformação da natureza da existência dos sujeitos no mundo? Diante da questão, a frase de Milton Santos é criativamente ambígua, mas, também, plena de um desejo de que se transforme o mundo: “então, o feitiço volta-se contra o feiticeiro”²⁶. Ele complementa: “o consumo imaginado, mas não atendido — essa “carência fundamental” no dizer de Sartre —, produz um desconforto criador.”²⁷ Esse desconforto, ocasionado pelo consumo não atendido, motivado pela abundância do outro, pela percepção imediata da carência, é bastante diferente do desconforto que

faz eclodir, por exemplo, o maio de 1968, em Paris. A pergunta deverá ser feita ainda de outro modo: no seu desejo de transformação, os homens lentos desejam outra cultura? Uma cultura da lentidão? Uma cultura que não seja referenciada por valores de mercado e que não seja regida pela racionalidade global?

Os tempos contemporâneos são radicalmente outros. Uma reflexão extraída de Olgária Matos mostra as distâncias que já se fizeram, ao longo dos últimos 40 anos, nos interiores do *corpo ocidental do mundo*:

*Aqueles que em Maio de 1968 se sublevaram estavam recusando muito mais uma certa forma de existência social do que a impossibilidade material de subsistir nesta sociedade: “contrariamente a todas as revoluções passadas, diz Jacques Baynac, Maio de 1968 não foi provocado pela penúria mas pela abundância.”*²⁸

Maio de 1968: seria bom pensá-lo como uma contestação, na abundância, das aspirações irreduzíveis e radicais de opulência; crítica revolucionária à cultura do permanente desejo de abundância, independentemente do desperdício e da infelicidade. Isso nos faz refletir sobre a modernidade, sobre a cultura do consumismo, da guerra, da competição, do individualismo. É notável a percepção, na contestação da cultura ocidental, da presença, no maio francês de 1968, da dimensão poética, política, ética e estética. “O Maio de 68 retomou a cidade e *colocou a poesia na rua*. Reavivou a exigência de Rimbaud de *mudar a vida*: mude a vida, transforme seu *mode d’emploi* diz um grafiti.”²⁹

²³ SANTOS, 1996, p. 261.

²⁴ SANTOS, 1996, p. 261.

²⁵ SANTOS, B., 2000.

²⁶ SANTOS, 1996, p. 261.

²⁷ SANTOS, 1996, p. 261.

²⁸ MATOS, 2001, p. 8.

²⁹ MATOS, 2001, p. 59.

Olgária Matos ainda registra palavras de Edgar Morin: “Esta ofensiva [...] é uma grande revolta que afirma a racionalidade da imaginação e reivindica uma outra moralidade e uma outra cultura.”³⁰

NOTA 07

Rabiscar as ruas de poesia e de arte, preenchendo-as de uma cidade sem pressa, feita de outro tempo, de outro modo de cultivar a vida: como conceber, para os dias e tempos de mercado, essas ruas de cidade que fazem outro mundo? Como retirar, das ruas da cidade, o mercado e o seu tempo de velocidade? Como retirar dos homens o seu desejo de cultivar o consumo, a velocidade, a pressa: o tempo da fábrica? Como imaginar que desejariamos outra cultura: a que combate a cultura do consumo e do desperdício?

Sobre essa percepção de carência de *consumo* que mobiliza, esse consumo não atendido que produz desconforto criador, complementa Milton Santos: “o choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência.”³¹ A partir de então, é plenamente rica de significados a interpretação criativa produzida por Milton Santos. Adquire vigor a imagem por ele construída acerca da “visão iluminada de futuro”³² presente na lentidão e nos homens lentos. Ela é referenciada pela subjetividade ou pela presença do sujeito que experimenta o mundo e recria, na experimentação, na escala do cotidiano, alternativas de leitura e de visão do mundo rivais às leituras convencionais vinculadas à racionalidade moderna.

A experimentação do mundo se dá nos lugares porque é nos lugares que o mundo se resolve — nesse tempo, que é presente, do aqui e do agora. O mundo se faz existir e se expressa nos lugares, onde se dá a vida dos sujeitos, diz Milton Santos³³. Por sua vez, é experimentando o mundo, como nos diz Paulo Freire, que os sujeitos se fazem, nos lugares, também, sujeitos do mundo³⁴.

NOTA 08

Na lentidão, no vagar, residiria a experimentação da qual emergiriam o conhecimento, o saber, assim como o desejo de transformação. Mas estamos nos referindo a certa lentidão que nos faz pensar certa transformação a partir de outra cultura: a que valoriza o tempo do cultivo das coisas em nós, com o significado de cultura tal como o discute Hannah Arendt. “O termo [...] deriva de colere — cultivar, habitar, tomar conta, cuidar e preservar [...]”³⁵; e aproxima a arte da pólis, da política e, certamente, da política na (da) cidade; a arte e a política nos diversos mundos.

É compreensível que a experimentação do mundo pelos sujeitos se dê de modo diferente conforme os sujeitos e sua inserção social no mundo das cidades. Pode ser que a referida experimentação se dê, também, em diversos graus. O mais apressado pode ser o mais desconcentrado, o que perde mais visão — amplitude de sentidos e de experimentação de caráter social e cultural — ou o que tem menos *visão social periférica*. A velocidade desloca, desampara e desprotege. O mais *displicente*, talvez, para utilizar o adjetivo empregado por Milton Santos em 1956, seja o mais atento: o que recolhe detalhes e experiências do mundo. A lentidão permite mais experimentação e, conseqüentemente, uma hipertrofia da visão, da imaginação e da criatividade. O estado dos homens lentos de Milton Santos pode ser estendido ao estado dos que, relativa e aparentemente imóveis, estão vigilantes, concentrados, alertas. A imobilidade, aqui, tem como referência o estado de velocidade extrema e a imposição do estado cultural

³⁰ MATOS, 2001, p. 65.

³¹ SANTOS, 1996, p. 261.

³² SANTOS, 1996, p. 262.

³³ SANTOS, 2011 [1994].

³⁴ FREIRE, 2002 [1996].

³⁵ ARENDT, 2006 [1961], p. 221.

da pressa. Trata-se de uma inércia que, tensionada, em decorrência da vigília, ameaça se romper. Uma imobilidade efêmera, circunstancial, relacional e que acumula energias através da experimentação do mundo no cotidiano da cidade da pressa. Trata-se, portanto, de uma lentidão sapiente, inteligente, sensível, subjetiva porque pertencente ao sujeito que experimenta vigilante, tenso, atento. Nesses termos, poderemos refletir sobre a presença, nas cidades, de uma lentidão sapiente envolvida por uma exterioridade veloz — provocadora de desamparos, desequilíbrios e cegueiras —, em cujas cartografias, por ela desenhadas, não há norte e, tampouco, qualquer orientação de sentido. Nesses termos, ainda, poderemos conceber a presença, nas cidades, de uma lentidão que é mesmo vagarosa, mas que, atenta, caminha na direção de outro mundo e, talvez, por isso, na direção contrária e, conseqüentemente, mais desejada. É lenta porque precisa ser. É lenta e reclama por mais lentidão como virtude porque a sabedoria é feita de paciência, de vagar e da fabricação de um *caminho feito de passo a passo*. De modo algum, portanto, pode-se dizer que é lenta porque já é tarde, porque já passou o tempo, ou porque é preciso rapidez para se evitar o atraso. É exatamente o contrário. É a pressa que diz que estamos atrasados e que não há tempo para nada. É a velocidade e a pressa que dizem que o tempo, pelo qual todos reclamam, deixou de existir.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro: oito exercícios sobre o pensamento político**. Lisboa: Relógio D'Água, 2006 [1961].

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996 [1973].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1996].

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976 [1956].

MATOS, Olgária C. F. **Paris 1968: as barricadas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. 'A periferia está no pólo: o caso de Lima, Peru'. In: SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. São Paulo: HUCITEC, 1979 [1975]. p. 59-100.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005 [1994].

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **O papel metropolitano da cidade de Salvador**. Revista Brasileira dos Municípios. n. 35, 36. ano 9 p. 185-190, jul./dez. 1956.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton; HARAZIM, Dorrit. 'O mundo não existe'. In: HISSA, Cássio E. Viana (Org.). **Conversações: de artes e de ciências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011 [1994].

SINGER, Paul. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. São Paulo: HUCITEC, 1976.

VALÉRY, Paul, 1922, in *Oeuvres, La Pléiade*, vol. I, p. 1014 (grifo do autor). Citado por Michel Beaud (frontispício), *Le Système national mondial hiérarchisé*, 1987, p. 4, que tirou a citação de Pierre Pascallon, *Cahiers d'économie personaliste*, n.º 4, 1986, p. 23 apud SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 260.

VIRILIO, Paul. *Vitesse et politique*, 1977, p. 54 apud SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 260.